

Dicionário temático ilustrado
bilíngue português-Libras para uso
escolar: uma proposta de verbete
baseada na Lexicografia
Pedagógica

Portuguese-Libras illustrated
bilingual thematic dictionary for
school use: an entry proposal based
on Pedagogical Lexicography

Saulo Zulmar Vieira*

Jaqueline Boldo**

Joyce Cristina Souza***

Resumo: Este artigo é um investimento científico em defesa da Lexicografia Pedagógica da Língua de Sinais. Esta é uma pesquisa documental, de abordagem qualitativa e cunho exploratório, cujo objetivo primário é apresentar um protótipo

* Saulo Zulmar Vieira é doutorando do Programa de Pós-graduação em Linguística na UFSC e professor de Libras do Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC). E-mail: prof.saulo.ifsc@gmail.com

** Jaqueline Boldo é doutoranda do Programa de Pós-graduação em Linguística na UFSC e professora do Departamento de Libras da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). E-mail: jaquelineboldo@gmail.com

*** Joyce Cristina Souza é doutoranda do Programa de Pós-graduação em Linguística na UFSC, tradutora intérprete de Libras na Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) e professora de Libras no Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (SENAC) São Carlos. E-mail: joyce.csalmeida@gmail.com

de microestrutura para um dicionário de uso escolar que condiga com a realidade, especificidade e necessidade linguística de estudantes surdos do primeiro ano do Ensino Fundamental da Educação Básica. Para isso, analisamos as características dos dicionários de tipo 1 selecionados pelo Edital do PNLD/2012 - Dicionários, e em seguida, tendo em vista a inexistência de obras dessa natureza para crianças no Brasil, tomamos como referência três dicionários de três línguas de sinais de nacionalidades distintas, que foram analisados e serviram de base para a organização do protótipo. A análise foi baseada nos critérios norteadores para a avaliação de dicionários do referido Edital.

Palavras-chave: Lexicografia Pedagógica; Dicionário; Libras; Educação de Surdos; PNLD.

Abstract: This paper is a scientific investment in defense of Pedagogical Lexicography of sign language. This is a documental research, of qualitative approach and exploratory nature, whose primary goal was to present a prototype of microstructure for a dictionary for school use, which matches the reality, specificity and linguistic needs of deaf students in the first year of elementary education. For this, we analyzed the characteristics of type 1 dictionaries selected by the Edital of PNLD/2012 - Dictionaries, and then, considering the absence of works of this nature for children in Brazil, we took as reference three dictionaries of three sign languages of distinct nationalities, which were analyzed and served as a basis for the organization of the prototype. The analysis was based on the guiding criteria for the evaluation of dictionaries in the Edital.

Key-words: Pedagogical Lexicography; Dictionary; Libras; Deaf Education; PNLD

Introdução

No processo de aprendizagem, o aluno tem sido cada vez mais atraído para desenvolver estudos e teorias acerca do ensino de línguas. Com isso, o próprio ato de ensinar tem sido encarado como uma ação de intervenção educativa, visando ajudar esse aluno a aprender com mais autonomia. Essa busca pela autonomia do aluno no aprendizado de línguas também tem sido alvo de outro campo de investigação, a Lexicografia, sobretudo a de cunho pedagógico. No entanto, um dos grandes desafios da Lexicografia atualmente é elaborar dicionários que atendam às necessidades do seu público e sejam úteis a eles de modo a conferir-lhes tal autonomia.

O dicionário é um instrumento de importância vital para as sociedades e cultura, haja vista que ele é o único lugar que armazena o léxico de uma língua (KRIEGER, 2006). É inegável, também, que esse expediente tenha sido criado para servir às necessidades linguísticas de um determinado coletivo em um determinado contexto. Pensando no contexto escolar, mais

especificamente o de sala de aula, e no ensino de línguas, o dicionário é um potente candidato que, por natureza, já possui um caráter didático, ainda que não possa ser classificado como livro didático propriamente dito; entretanto, seu potencial pedagógico é incontestável, uma vez que auxilia o aluno a ler, a escrever e a se expressar, oferecendo-lhe informações sistematizadas sobre o léxico, seus usos e sentidos.

Nessa lógica, o dicionário apresenta-se como um componente significativo no ambiente escolar e, se bem organizado e utilizado, pode colaborar para um desenvolvimento autônomo de ensino-aprendizagem de língua nesse contexto. O dicionário pode desempenhar várias funções em sala de aula, não apenas como material de consulta sobre o significado de determinado item lexical, mas também, como um dispositivo importante para o desenvolvimento e ampliação de vocabulário, noções sobre a gramática e pronúncia (produção) das palavras, compreensão sobre o uso da língua, da cultura de um determinado povo, além de servir como suporte para leitura e interpretação textual.

Dito isso, defendida a importância e pertinência do dicionário em sala de aula e no contexto educacional, advoga-se neste trabalho a relevância desse instrumento na e para a educação de surdos, uma vez que o dicionário é uma ferramenta robusta capaz de auxiliar no processo de aquisição e ensino-aprendizagem da Língua Brasileira de Sinais (Libras), língua de constituição das pessoas surdas, e da Língua Portuguesa, língua oficial do país, linguisticamente classificadas como primeira e segunda língua respectivamente, sendo esta última, ensinada na modalidade escrita.

Ao que se refere à tradição lexicográfica na Libras, as produções ainda são insuficientes e genéricas, tanto na prática de elaborar dicionários quanto na teoria, no sentido de se pensar sobre eles (CARVALHO; MARINHO, 2007; SOUZA, 2020). Sobre o aspecto teórico, as pesquisas dedicadas a explorar mais profundamente as obras produzidas, isto é, que ultrapassem a etapa descritiva, que estudem as questões relacionadas ao uso dessas obras, os efeitos desse uso sobre os usuários, as crenças desse usuário sobre as obras, as funcionalidades e a própria usabilidade do produto lexicográfico da língua de sinais, são incipientes e rudimentares, se não (quase) inexistentes. Mais

raros ainda, são os estudos específicos sobre dicionários para uso escolar em Libras. Isso se deve, em parte, à falta de atenção dada à Libras no passado, sobretudo no âmbito educacional, e à falta de recursos para pesquisas nessa área.

No que tange à prática lexicográfica, embora haja uma variedade, não muito extensa do ponto de vista quantitativo, o repertório da Libras não apresenta uma diversidade na tipologia de dicionários. À vista disso, é evidente a relevância de se ampliarem as discussões, reflexões e práticas sobre esse campo relativamente novo e em desenvolvimento, a saber: a Lexicografia Pedagógica da Língua de Sinais.

Considerando o exposto anteriormente, esta é uma pesquisa documental, de abordagem qualitativa e cunho exploratório, cujo objetivo primário é apresentar um protótipo de microestrutura para um dicionário para uso escolar, que condiga com a realidade, especificidade e necessidade linguística de estudantes surdos do primeiro ano do Ensino Fundamental da educação básica.

Para isso, tomaremos como referência três obras lexicográficas de três línguas de sinais de nacionalidades e comunidades linguísticas distintas que serão analisadas e servirão de base para a organização do referido protótipo, que culminará futuramente no Dicionário temático ilustrado bilíngue Libras-português, voltado para esse mesmo público. Vale salientar que a análise será no âmbito da microestrutura e a proposta a ser levantada visará contemplar os critérios elegidos pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) Dicionários - 2012, no que tange os dicionários do Tipo 1, destinados à parcela de estudantes do primeiro ano.

1. O Programa Nacional do Livro Didático Dicionários

Instituído pelo Ministério da Educação (MEC), por meio da Secretaria da Educação Básica (SEB), o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), é uma iniciativa de grande impacto para a educação brasileira, que apresenta diretrizes relacionadas à avaliação, seleção, aquisição e distribuição gratuita

de materiais de cunho literário, didático e pedagógico, que sirvam de apoio às práticas educativas nas escolas públicas de educação básica das redes no âmbito federal, estadual e municipal (BRASIL, 2017).

Em 2001, o PNLD abriu portas para o campo da Lexicografia no contexto escolar brasileiro ao estabelecer critérios para eleger, via edital, dicionários para serem distribuídos nas instituições de educação básica, visando o uso em sala de aula em todas as etapas de ensino. Por meio dessa ação, os dicionários passaram a compor o cenário da sala de aula, tornando-se um instrumento facilitador para o ensino do português para os falantes nativos dessa língua.

Em editais posteriores, dada a experiência negativa com os dicionários selecionados, uma vez que eles não atendiam às necessidades pedagógicas do público previsto, a sua utilização em sala de aula era praticamente inexistente. Uma das inovações do edital publicado em 2006 foi a implementação de uma tipologia que classifica os dicionários em Tipo 1, Tipo 2 e Tipo 3, sendo o primeiro destinado a usuários do 1º ao 3º ano, o segundo do 4º e 5º ano e o último, do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental. Sobre isso, conforme aponta Souza e Almeida (2023):

A proposta de trabalhar com dicionários a partir de uma classificação tipológica, agrupada não apenas pelo critério da extensão da obra, mas também por etapas escolares com públicos e demandas educacionais distintos, vai ao encontro da preocupação levantada pelo MEC em oferecer subsídios para a produção de dicionários de língua materna, adequados para cada ano de escolarização, em que a escolha do vocabulário fosse condizente com o nível de proficiência do aluno na língua portuguesa, com perspectivas graduais de ampliação lexical (SOUZA; ALMEIDA, 2023: 62).

Os dicionários indicados pelo PNLD são entregues nas escolas regulares de educação básica com vistas a atender demandas de língua materna do alunado. Todavia, em tais escolas há também alunos cujo português não é considerado língua materna, mas sim segunda língua (L2), como é o caso dos estudantes surdos, em que a língua de sinais exerce essa função. Nesse sentido, interessa a este trabalho advogar sobre a importância e potente contribuição que um dicionário pode dar às demandas didático-pedagógicas e de ensino-aprendizagem da língua portuguesa como língua não materna e da Libras como língua materna na educação básica de surdos.

Retomando um dos objetivos secundários da pesquisa em questão, pretende-se apresentar um protótipo de verbete que corresponda à realidade e especificidade linguística de estudantes surdos do primeiro ano do Ensino Fundamental, bem como, com as diretrizes apresentadas no Programa Nacional de Livro e do Material didático (PNLD) Dicionários (2012), ao que se refere aos dicionários do Tipo 1, destinados a esse mesmo período escolar. Sendo assim, vale discorrer sobre o que compreende os dicionários contidos nessa tipologia.

1.1 Dicionário Tipo 1 segundo o PNLD Dicionários

Sob a justificativa e a compreensão de que o dicionário é “um lugar privilegiado de lições sobre a língua” (KRIEGER, 2003: 71), o dicionário de língua materna foi incluído no escopo do PNLD, “traduzindo diretrizes de uma importante política pública, de âmbito nacional, no plano da lexicografia e, em particular, no da lexicografia direcionada para a escola” (KRIEGER, 2006: 236).

Com base nisso, o PNLD implementou no ano de 2006 o Programa Nacional do Livro Didático-Dicionários (2006), o qual estabelecia novos parâmetros direcionados à indústria editorial, a fim de que essa formulasse propostas lexicográficas mais alinhadas com o perfil do público visado. Tais parâmetros serviram como critério para a seleção e aquisição dos dicionários de português nos editais subsequentes. Dentre os parâmetros mencionados, Krieger (2006) destaca:

- a) definir uma tipologia de dicionários escolares;
- b) adotar princípios de adequação entre o tipo de obra e o nível de aprendizado do aluno;
- c) criar acervos lexicográficos para o uso em sala de aula;
- d) elaborar um manual para o professor com orientações sobre a estrutura das obras para conhecimento e bom aproveitamento das obras.

Do ponto de vista lexicográfico, o edital de 2006 inovou ao propor a inscrição de três tipos de dicionários, os quais foram classificados em: dicionários de tipo 1, dicionários de tipo 2 e dicionários de tipo 3. Para cada tipo, foram estabelecidas algumas exigências, conforme demonstra a Figura 1 a seguir.

Figura 1: Especificação dos tipos de dicionários conforme edital de 2006

	Acervo A	Acervo B	Acervo C
Composição	Dicionários tipo 1 e tipo 2	Dicionários tipo 2 e tipo 3	Dicionários tipo 3
Número de verbetes	mínimo de 1.000 e máximo de 3.000	mínimo de 3.500, máximo de 10.000	mínimo de 19.000 e máximo de 35.000
Proposta lexicográfica por público-alvo	adequada a turmas em fase de alfabetização	adequada a turmas em fase de consolidação do domínio da língua escrita	adequada a turmas das últimas séries do primeiro segmento do Ensino Fundamental, orientada pelas características de um dicionário padrão
Ensino fundamental de oito anos	1º e 2º série	3ª e 4ª série	5º ao 8º série
Ensino fundamental de nove anos	1º ao 3º ano	4ª e 5º ano	6º ao 9º ano

Fonte: Souza (2020).

Cabe retomar que, até então, antes mesmo de se propor uma classificação tipológica de dicionários para serem utilizados no contexto educacional, eram inscritas apenas obras classificadas como minidicionário, mas que na época eram compreendidas como escolares. Entretanto, Krieger (2006: 238) salienta que ao ampliar-se o quadro tipológico de obras destinadas ao uso escolar, evidencia-se que não há uma categoria específica de dicionário escolar, mas dicionários adequados para a escola.

A ideia de dicionário adequado para a escola não pode estar desvinculada à ideia do contexto de ensino de língua. Nesse sentido, Leffa (2000) defende que o ensino do vocabulário, seja de uma língua estrangeira, seja de língua materna, oscila entre fatores internos e externos à aprendizagem. Sobre esse último fator, tem-se como base um ensino focado no material, que por sua vez é preparado e disponibilizado ao aluno, valorizando o input lexical e linguístico do mesmo.

A proposta de trabalhar com dicionários a partir de uma classificação tipológica, agrupada não apenas pelo critério da extensão da obra, mas também por etapas escolares com públicos e demandas educacionais distintos,

vai ao encontro da preocupação levantada pelo MEC em oferecer subsídios para a produção de dicionários de língua materna, adequados para cada ano de escolarização, em que a escolha do vocabulário seja condizente com o nível de proficiência do aluno na língua portuguesa, com perspectivas graduais de ampliação lexical.

Anos mais tarde, ainda sob o efeito das inquietações e reflexões sobre uma prática lexicográfica focada nas necessidades do aluno articulada ao contexto de ensino de língua materna, no ano de 2012, o PNLD publicou um novo edital, convocando a indústria editorial a participar do processo para a avaliação de dicionários de português, indicados para o referido contexto e condizentes com as demandas de aprendizagem de língua materna dos alunos da educação básica da rede pública.

Nesse novo edital do PNLD - Dicionários/2012, a seleção das obras lexicográficas foi orientada obedecendo novamente a alguns critérios previamente estabelecidos, dentre eles:

- a) nível de escolaridade;
- b) seleção de vocabulário/tema;
- c) estruturação do verbete;
- d) número de entradas e figuras;
- e) tamanho e tipo de fonte.

Passados seis anos de um edital para o outro, é notável o aprimoramento dos elementos que compõem os critérios para a seleção de obras adequadas às necessidades do alunado. Desse modo, as novas prerrogativas culminaram na caracterização dos dicionários escolares de Tipo 1, Tipo 2, Tipo 3 e Tipo 4, conforme a Figura 2 a seguir.

Figura 2: Tipologia dos dicionários conforme edital de 2012

Tipos de dicionários	Etapa de ensino	Caracterização
Dicionários de Tipo 1	1º ano do Ensino Fundamental	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Mínimo de 500 e máximo de 1.000 verbetes; ▪ Proposta lexicográfica adequada às demandas do processo de alfabetização inicial.
Dicionários de Tipo 2	2º ao 5º ano do Ensino Fundamental	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Mínimo de 3.000 e máximo de 15.000 verbetes; ▪ Proposta lexicográfica adequada a alunos em fase de consolidação do domínio tanto da escrita quanto da organização e da linguagem típicas do gênero dicionário.
Dicionários de Tipo 3	6º ao 9º ano do Ensino Fundamental	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Mínimo de 19.000 e máximo de 35.000 verbetes; ▪ Proposta lexicográfica orientada pelas características de um dicionário padrão de uso escolar, porém adequada a alunos dos últimos anos do ensino fundamental.
Dicionário de Tipo 4	1º ao 3º ano do Ensino Médio	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Mínimo de 40.000 e máximo de 100.000 verbetes; ▪ Proposta lexicográfica própria de um dicionário padrão, porém adequada às demandas escolares do ensino médio, inclusive o profissionalizante.

Fonte: imagem capturada do livro *Com direito à palavra: dicionários em sala de aula* (BRASIL/MEC/SEB, 2012: 19)

Nessa perspectiva, o uso efetivo dos dicionários, assim como a sua correspondência frente às reais necessidades dos aprendizes, passou a ser objeto de investigação, trazendo contribuições significativas para um campo mais recente da Lexicografia, a Lexicografia Pedagógica (LP). Importa ressaltar que, no Brasil, é justamente nesse contexto que surgem o conceito e as práticas da Lexicografia Pedagógica. Nessa ótica, “os dicionários passaram a desempenhar um papel pedagógico, pois funcionam como auxiliar do aluno no processo de aprendizagem da leitura e da escrita, contribuindo, dessa forma, para a alfabetização”. (TEIXEIRA, 2015: 30).

A proposta de dicionário do Tipo 1 de Libras pode contribuir para o ensino e aprendizagem tanto da Libras como língua de constituição, quanto do português escrito, pois permite que os alunos surdos tenham acesso a um vocabulário visual e organizado, que auxilia na compreensão dos conteúdos curriculares.

Além disso, ao respeitar as duas línguas, L1 (Libras) e L2 (Português), o dicionário pode contribuir para o desenvolvimento da criança surda, favorecendo sua identidade e cultura.

É importante que a política linguística da educação de surdos inclua a criação e disponibilização de dicionários para uso escolar bilíngue, considerando a Libras e o Português, a fim de garantir o acesso à informação e o aprendizado efetivo das línguas envolvidas.

2. Política Linguística e Educacional para Surdos

As Políticas Linguísticas têm sido tema de interesse de muitos pesquisadores que adotam a Libras como objeto de estudo e a concebem como um fenômeno linguístico completo, utilizado na comunicação com e entre surdos. Esses pesquisadores buscam compreender a Libras em sua totalidade, desde a sua gramática até a cultura e identidade dos povos que a utilizam, levando-se em conta a perspectiva da comunidade surda e suas necessidades linguísticas. Desse modo, o investimento científico no campo da Política Linguística envolvendo a Língua Brasileira de Sinais tem não só defendido a promoção e valorização dessa língua, enquanto uma língua natural e completa, como também buscado garantir o seu reconhecimento como língua oficial nas Políticas Educacionais.

As Políticas Linguísticas referentes à Libras têm evoluído ao longo dos anos, principalmente após a promulgação da Lei 10.436/02 e do Decreto 5.626/05. Essas leis garantem o reconhecimento e a regulamentação do uso da Libras em diversas esferas da sociedade, como a educação, a cultura e a comunicação. A partir delas, as escolas bilíngues passaram a ser reconhecidas como um modelo educacional adequado para o ensino de alunos surdos, com o objetivo de promover o uso da língua de sinais como primeira língua e a língua escrita como segunda língua.

Essas políticas educacionais atualizadas visam garantir o acesso à educação de qualidade para os alunos surdos, promovendo a modalidade bilíngue e proporcionando uma formação consistente e produtiva para os sistemas de ensino. Dessa forma, é possível garantir que a comunidade surda tenha os mesmos direitos e oportunidades de acesso à educação e à informação que as demais pessoas. Segundo Perlin e Strobel, (2006):

A modalidade Bilíngue é uma proposta de ensino usada por escolas que se sugerem acessar aos sujeitos surdos duas línguas no contexto escolar. As pesquisas têm mostrado que essa proposta é a mais adequada para o ensino de crianças surdas, tendo em vista que considera a língua de sinais como primeira língua e a partir daí se passam para o ensino da segunda língua que é o português que pode

TradTerm, São Paulo, v.45, p. 231-264

Número Especial - Libras, Lexicografia e Cultura

www.revistas.usp.br/tradterm

ser na modalidade escrita ou oral. (...). Na ideologia de bilingüismo as crianças surdas precisam ser postas em contato primeiro com pessoas fluentes na língua de sinais, sejam seus pais, professores ou outros. (PERLIN; STROBEL, 2006: 06)

A proposta de educação bilíngue é fundamental para o desenvolvimento da criança surda, pois permite o uso de duas línguas, isto é, da língua de sinais e da língua majoritária do país, na modalidade escrita, de forma complementar. Desse modo, a criança surda tem acesso aos conteúdos curriculares e desenvolve habilidades em ambas as línguas, sem precisar escolher apenas uma delas. É importante respeitar e valorizar a língua de sinais como a língua natural das comunidades surdas e fornece recursos adequados para o seu ensino e aprendizado.

Compreendendo a importância de uma Política Linguística e Educacional, e do reconhecimento da cultura das comunidades supracitadas, para garantir o direito à educação de qualidade em Libras como L1 e em português como L2, é fundamental que as políticas públicas e as instituições de ensino estejam atentas às necessidades linguísticas e culturais dos surdos e promovam não somente um ambiente, como também recursos (financeiros, humanos e materiais) adequados para o desenvolvimento educacional e pessoal desses indivíduos. Por recursos materiais, lê-se os artefatos culturais que circundam os processos de ensino-aprendizagem, tais como textos (sinalizados, orais e escritos), livros, jornais, revistas, internet, entre outros. Acrescentam-se a essa lista os dicionários, matéria prima da Lexicografia.

3. A Lexicografia na Educação de Surdos: um diálogo possível e necessário

A coabitação da língua portuguesa e da Libras na vida e escolarização dos surdos é inevitável e compulsória. Sobre essa questão, é importante contextualizar as condições em que, via de regra, as crianças surdas chegam às escolas, haja vista que a maioria delas são oriundas de famílias ouvintes, e que estas, geralmente, não se comunicam em língua de sinais com essas crianças. Nessas condições, dificilmente essa criança irá adquirir uma língua no seu seio familiar. Cabe salientar que a língua falada pela maioria dessas

TradTerm, São Paulo, v.45, p. 231-264

Número Especial - Libras, Lexicografia e Cultura

www.revistas.usp.br/tradterm

famílias é o português, na modalidade oral, língua essa que, dado o impedimento físico/biológico, torna-se inacessível à pessoa surda. Dito isso,

Para proporcionar à criança surda um desenvolvimento pleno se faz necessária a mediação por meio de uma língua que não dependa da oralidade; segundo Lacerda e Lodi (2010), a língua de sinais mostra-se como a possibilidade mais eficaz para um desenvolvimento global e sem limitações, e que pode promover a constituição da subjetividade da criança surda sem prejuízos (CAPPELLINI ET AL., 2023: 3)

A proposta de dicionários do Tipo 1 neste trabalho visa contribuir para uma política linguística centrada na cultura e identidade surda que promova a valorização da Libras como língua natural e oficial das comunidades surdas. Além disso, o estudo proposto busca refletir sobre a importância do uso dos dicionários em sala de aula como forma de garantir o acesso à informação e ao conhecimento em Libras, bem como a interação social dos alunos surdos no contexto escolar e familiar.

A Lexicografia da Língua de Sinais pode ter um papel importante na educação nacional, especialmente no que diz respeito à inclusão e valorização da comunidade surda. Uma das críticas ao PNLD, é justamente a falta de materiais e recursos para a educação de surdos, como livros didáticos em Libras e dicionários específicos para os sinais. Apesar de algumas iniciativas positivas, como a obrigatoriedade do ensino de Libras nas escolas de educação básica e a produção de alguns materiais educacionais em Libras, ainda há um longo caminho a ser percorrido para garantir o acesso à educação e à informação para a comunidade surda.

Nesse sentido, é importante que as políticas educacionais sejam voltadas para a valorização e o reconhecimento das línguas de sinais, com investimentos em pesquisa, produção de materiais educacionais e formação de professores capacitados para o ensino de Libras.

A elaboração de dicionários de Libras voltados para a educação, seja ela pública ou privada, é fundamental para auxiliar na aprendizagem e no desenvolvimento linguístico das crianças surdas. Essas obras devem ser organizadas de forma didática e adequada aos diferentes níveis de

aprendizagem, levando em consideração as especificidades da língua de sinais e da cultura surda.

Ademais, é importante que os dicionários sejam atualizados e incluam novos sinais que surjam na comunidade surda, acompanhando assim a evolução da língua. Por essa razão, é importante que a Lexicografia em Língua de Sinais seja reconhecida e valorizada na rede de ensino, com investimentos em pesquisas e na elaboração de materiais lexicográficos de qualidade e que correspondam às necessidades e especificidades linguísticas e de aprendizagem do público estimado.

4. Rumo a uma Lexicografia Pedagógica da Libras aplicada à Educação Bilíngue de Surdos

A Lexicografia Pedagógica (LP) é uma área de conhecimento fundamentada na perspectiva da necessidade de adequação do dicionário escolhido ao nível e projeto de ensino. Segundo Zavaglia e Nadin, (2018):

Em relação aos termos “Lexicografia Pedagógica” e “Lexicografia Didática”, temos que a primeira se revela como uma área de estudos e pesquisas, dedicando-se aos dicionários que se voltam às escolas, os denominados “dicionários escolares”. (2018: 13)

De acordo com Teixeira (2015), esse tipo de dicionário é:

[..] “determinante da lexicografia didática, no entanto, a lexicografia pedagógica, vai além do estudo da produção de dicionários escolares”, uma vez que “engloba a produção, a avaliação e a investigação desses dicionários, sendo tanto prática quanto teórica” (TEIXEIRA, 2015: 34).

A Lexicografia Pedagógica é um campo que envolve não apenas a produção de dicionários escolares, mas também a avaliação e a pesquisa desses dicionários, com uma abordagem prática e teórica. Ela se preocupa em desenvolver dicionários que sejam eficazes na aprendizagem e que possam auxiliar no processo de ensino e aprendizagem de uma língua, considerando as escolas, assim como as crianças surdas.

Para isso, é necessário levar em conta aspectos como a clareza e a precisão das definições, a apresentação adequada das informações, a seleção dos termos a serem incluídos, entre outros. O objetivo é criar materiais lexicográficos que atendam às necessidades dos estudantes e que possam contribuir para o seu desenvolvimento linguístico e cognitivo.

Cabe salientar que a LP postula que não há apenas um dicionário escolar, mas dicionários destinados à escola. Igualmente, prevê que a escolha do dicionário para uso na escola necessita estar relacionada com os distintos projetos de ensino/níveis de aprendizagem do aluno (KRIEGER, 2012: 173).

Em vista disso, considerando a realidade de bilinguismo compulsório vivenciada pelas pessoas surdas, uma vez que elas são parte de uma minoria linguística, não é dada a opção de querer ou não aprender a língua majoritária do país (QUADROS, 2019: 148), considerando ainda as condições (no mínimo polêmicas) de acesso à língua de sinais e de sua aquisição pelas crianças surdas, bem como a língua portuguesa, e por fim, tendo em conta as políticas linguísticas e educacionais vigentes que tratam das demandas dessa mesma natureza voltadas para a população surda brasileira, é que se defende neste trabalho a importância de promovermos uma Lexicografia Pedagógica voltada para a Educação de Surdos.

Essa preocupação é aflorada quando percebemos que, no momento em que o surdo inicia sua trajetória escolar, recai sobre a escola e seus agentes a responsabilidade ou dever de suprir as demandas, sobretudo linguísticas, incluindo o desenvolvimento de língua e de linguagem desse alunado. Com isso, a organização de materiais tanto didáticos, quanto lexicográficos que atendam às demandas linguísticas, culturais, sociais e educacionais dos estudantes surdos são urgentes, indispensáveis e fundamentais. No entanto, para se organizar tais materiais, haja vista a modalidade visuoespacial da Libras, faz-se necessário o uso de recursos tecnológicos para acomodar as informações das línguas envolvidas e possibilitar uma boa visualização, compreensão e uso, e para isso, requer-se um robusto investimento científico, computacional, lexicográfico, político e financeiro.

No âmbito das políticas públicas, é de suma importância que o PNLD olhe para essa questão e fomente a implementação de critérios, tais como os

apresentados para os dicionários monolíngues, para que novas tipologias de dicionários sejam instauradas, respeitando sobretudo o nível linguístico e de escolaridade dos estudantes surdos.

5. Metodologia da pesquisa

Retomando o que fora dito ainda na seção introdutória deste trabalho, esta é uma pesquisa documental, de abordagem qualitativa e cunho exploratório, cujo objetivo primário é apresentar um protótipo de microestrutura para um dicionário para uso escolar, que esteja de acordo com a realidade, especificidade e necessidade linguística de estudantes surdos do primeiro ano do Ensino Fundamental da educação básica.

Tendo em vista que tradicionalmente o campo da Lexicografia da Libras tem se constituído de obras majoritariamente voltadas para o público ouvinte, aprendizes da língua de sinais que dominam o português, o formato como o repertório lexicográfico da Libras tem sido organizado, pouco ou nada benéfico e atrai os consulentes surdos. Com efeito, na maioria das vezes, a dúvida gira em torno da palavra em português, cujas informações também estão dispostas nessa língua, sem que haja um campo com as informações (definição, marcas de uso, contextualização) em Libras com o escopo de viabilizar uma compreensão mais assertiva e eficiente para o aprendizado do surdo.

Por conseguinte, buscamos por obras que porventura já tivessem ultrapassado essa barreira limítrofe e circunscrita aos consulentes ouvintes aprendizes de Libras, e que tivessem vislumbrado outros potenciais públicos, dentre eles, as crianças, sobretudo as surdas e que, por meio de obras como as selecionadas, pudessem acessar o universo das palavras e dos sinais, conferindo-lhes conhecimento e autonomia na aprendizagem das línguas envolvidas nesse processo.

Para isso, foram realizados alguns passos. Primeiramente, fomos buscar no Edital de convocação 01/2011 - CGPLI Programa Nacional do Livro Didático PNLD - Dicionários 2012, último edital dedicado a obras lexicográficas, as

características, princípios e critérios norteadores utilizados na avaliação de dicionários brasileiros de língua portuguesa do Tipo 1.

Feito isso, identificamos os dicionários aprovados nesse edital e analisamos a composição das informações dispostas em seus verbetes, dando enfoque sobretudo nas informações visuais. São eles:

1. Bechara, Evanildo. *Dicionário infantil ilustrado Evanildo Bechara*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011. [1.000 verbetes]
2. Biderman, Maria Tereza Camargo & Carvalho, Carmen Silvia. *Meu primeiro livro de palavras: um dicionário ilustrado do português de A a Z*. 3 ed. São Paulo: Ática, 2011. [999 verbetes]
3. Geiger, Paulo (org.). *Meu primeiro dicionário Caldas Aulete com a Turma do Cocoricó*. 2 ed. São Paulo: Globo, 2011. [1.000 verbetes]

Em seguida, fizemos um levantamento de dicionários de língua de sinais voltados para crianças em outros países. Localizamos três obras lexicográficas de três línguas de sinais de nacionalidades e comunidades linguísticas distintas, voltadas para o público infantil:

1. *The Gallaudet Children's Dictionary of American Sign Language (Estados Unidos)*;
2. *Auslan Childrens Picture Dictionary Set: Volume 1, 2 and 3 (Austrália)*;
3. *Español e Mis primeros signos (Espanha)*.

Foram examinadas as microestruturas desses dicionários, nas quais buscamos compreender as características e os componentes do interior dos verbetes, e por fim, após a análise das obras selecionadas, tanto da língua portuguesa, quanto das línguas de sinais mencionadas, realizamos a triangulação desses dados para traçar o perfil e as características do protótipo almejado. A partir dessa avaliação e análise, refletimos sobre de que forma aquelas estruturas poderiam contribuir na elaboração do protótipo de microestrutura de um dicionário para uso escolar que desse conta das

demandas linguísticas da comunidade surda infantil e dos estudantes aprendizes de Libras e português.

6. Análise dos dicionários

Esta seção se propõe a apresentar e discorrer sobre a análise dos dicionários selecionados para compor o presente estudo. Conforme mencionado no tópico anterior, para chegarmos às obras lexicográficas que iremos apresentar, percorremos um caminho que será explanado a seguir.

O documento utilizado para alicerçar nossa análise e discussão foi o EDITAL DE CONVOCAÇÃO 01/2011 - CGPLI PROGRAMA NACIONAL DO LIVRO DIDÁTICO PNLD - Dicionários 2012. Esse documento apresenta as características, princípios e critérios norteadores utilizados na avaliação de dicionários brasileiros de língua portuguesa. No item 3 do referido documento é possível observar a caracterização dos dicionários de acordo com as tipologias e etapas de ensino conforme a Quadro 1 abaixo. Nosso enfoque foi nas diretrizes voltadas para os dicionários do Tipo 1.

Quadro 1: Caracterização dos Dicionários PNLD/2012 - tipo 1

Tipos de dicionários	Etapas de ensino	Caracterização
Dicionários de tipo 1	1º ano do ensino fundamental	<ul style="list-style-type: none"> • Mínimo de 500 e máximo de 1.000 verbetes; • Proposta lexicográfica adequada às demandas do processo de alfabetização inicial.

Fonte: EDITAL DE CONVOCAÇÃO 01/2011 - CGPLI PROGRAMA NACIONAL DO LIVRO DIDÁTICO PNLD - Dicionários 2012.

Nos principais critérios de seleção presentes no Anexo II do Edital mencionado acima, tem-se:

- 1) Representatividade e adequação do vocabulário selecionado;
- 2) Adequação da estrutura e da apresentação gráfica do verbete;
- 3) Qualidade das definições (inclusive por imagens);
- 4) Grafia;

- 5) Contextualização;
- 6) Informação linguística;
- 7) Aspecto material;
- 8) Qualidade e pertinência dos apêndices.

Para análise das obras que compõem o escopo desta pesquisa, ativemo-nos aos itens 1, 2 e 3.

Entende-se por representatividade e adequação do vocabulário selecionado, a representatividade do conjunto de entradas, tendo-se em vista o léxico da língua (no caso o português) e a sua adequação ao nível de ensino e à faixa etária do público estimado. Com isso, os dicionários de Tipo 1 devem ser organizados de modo a propiciar ao estudante-aprendiz um primeiro contato com o “mundo das palavras”, ou seja, o léxico.

Por adequação da estrutura e da apresentação gráfica do verbete, lê-se que a microestrutura deve apresentar uma entrada e um enunciado (o conjunto de informações sobre a entrada), sendo este último com uma linguagem e extensão adequada ao tipo de dicionário e conseqüentemente ao público para o qual ele é destinado.

Por fim, mas não menos importante, o terceiro elemento diz respeito à qualidade das definições, que inclui não apenas informações escritas, mas também as imagens e ilustrações. Estas últimas, quando utilizadas como parte obrigatória e indissociável das definições, em especial nos dicionários de Tipo 1 e 2, devem ser pertinentes e corretas, conforme aponta o documento. Embora o documento em questão não tenha sido elaborado a partir dessa perspectiva, esse é um aspecto importante quando se trata do registro de informações em língua de sinais, uma vez que a qualidade, sobretudo das imagens dos sinais representados, deve ser boa e legível, sem que haja margens para erros de “leitura”, compreensão e interpretação por parte do consulente.

Dos dicionários aprovados nesse edital, que estão destacados adiante, observamos os itens 1, 2 e 3 referidos anteriormente, um a um. Vejamos:



Fonte: imagem capturada do livro Com direito à palavra: dicionários em sala de aula (BRASIL/MEC/SEB, 2012: 23)

3. Geiger, Paulo (org.). *Meu primeiro dicionário Caldas Aulete com a Turma do Cocoricó*. 2 ed. São Paulo: Globo, 2011.

Figura 5: 3. Meu primeiro dicionário Caldas Aulete com a Turma do Cocoricó - campo semântico “insetos”



Fonte: imagem capturada do livro Com direito à palavra: dicionários em sala de aula (BRASIL/MEC/SEB, 2012: 24)

Embora os três dicionários pertençam à categoria do Tipo 1, nota-se pontos convergentes e divergentes nos verbetes analisados. Como ponto convergente, podemos destacar a organização das unidades lexicais por campos semânticos nos três dicionários e não por ordem alfabética, como

tradicionalmente são confeccionados. A estratégia adotada pode ser avaliada como positiva e condizente com público do primeiro ano do Ensino Fundamental, uma vez que a exposição por ordem alfabética seria complexa para aqueles que ainda estão sendo introduzidos ao universo das palavras.

Como ponto de divergência, observamos que o dicionário 2, *Meu primeiro livro de palavras*, apresenta informações mais completas e complexas (mas não complicadas), fornecendo ao consulente acesso a conhecimentos que ultrapassam os limites da palavra, tais como o senso de coletividade, de categoria, e uma definição com enunciados adequados para o processo de aquisição e compreensão, bem como condizentes ao nível linguístico do consulente conforme a faixa etária estimada. Vale ressaltar que existem diferentes tipos de definições, cujo uso pode variar de acordo com o contexto e propósito do dicionário.

Como é possível observar nas Figuras 4, verbetes como os apresentados são altamente didáticos e desempenham papéis essencialmente pedagógicos. Não que os demais não exerçam essa função. Na verdade, os outros dois dicionários apresentam uma microestrutura mais simples, organizada por campos semânticos, cuja informações se concentram na imagem e na palavra correspondente em português, dispensando a definição como um componente do verbete.

Nota-se ainda a preocupação com a qualidade das imagens e fidelidade àquilo que elas representam. O jogo de cores utilizado nos dicionários analisados são igualmente pontos que nos chamaram a atenção. O uso de recursos visuais e cores beneficia e atrai as crianças, sejam elas surdas ou não.

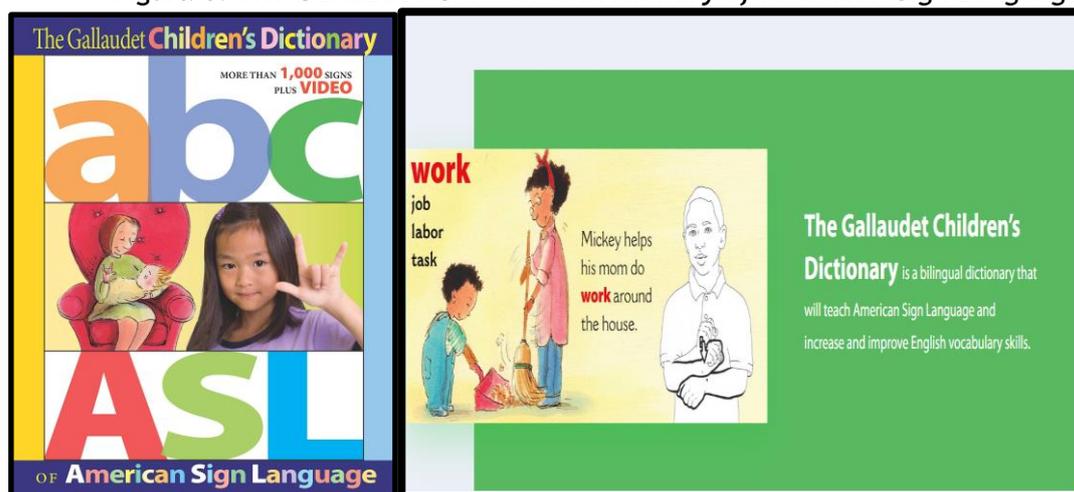
Partindo para a análise dos dicionários de línguas de sinais, observamos os mesmo critérios analisados nos dicionários de português Tipo 1, ou seja: representatividade e adequação do vocabulário selecionado; adequação da estrutura e da apresentação gráfica do verbete e, qualidade das definições (inclusive por imagens).

Essa análise foi importante para entendermos a organização e a microestrutura dos dicionários em questão. No que tange à microestrutura, observamos inclusive a busca das palavras, o ordenamento das entradas, a

apresentação das definições (se estão em língua de sinais ou não), ilustração, entrada em escrita de sinais). Essas informações são fundamentais para a elaboração de um dicionário de qualidade que possa ser útil para a comunidade falante da língua a qual se propõe registrar, enquanto uma ferramenta efetiva de comunicação e aprendizagem.

O primeiro dicionário analisado foi o *The Gallaudet Children's Dictionary of American Sign Language* (Figura 6), dos Estados Unidos:

Figura 6: *The Gallaudet Children's Dictionary of American Sign Language*



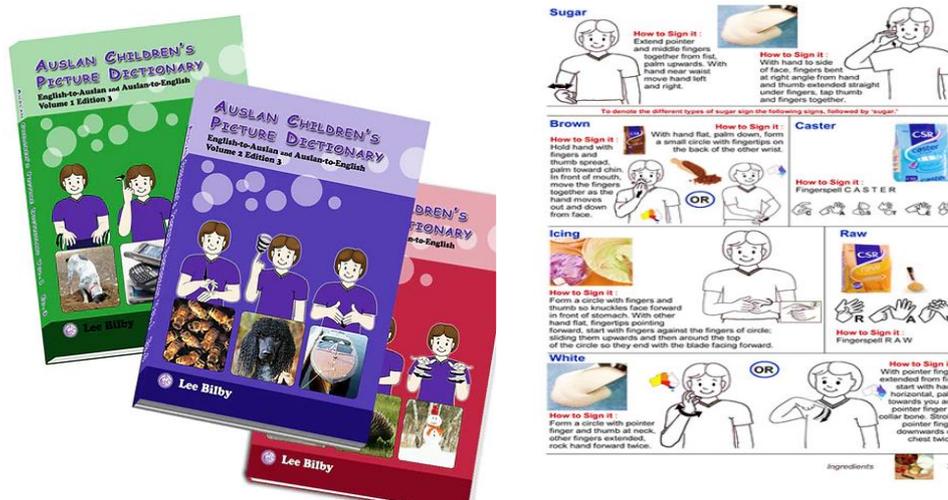
Fonte: acesso online: <https://gcdasl.com/wp-content/uploads/2020/06/81zoQPdxykL-1.jpg>

O Dicionário Infantil do Gallaudet em Língua de Sinais Americana - (ASL) (tradução nossa), apresenta mais de 1.000 verbetes de sinais, e as entradas são organizadas de acordo com a ordem alfabética em que as palavras em inglês são dispostas. Para orientar o consulente, há também o alfabeto manual para auxiliar no entendimento. As ilustrações utilizadas para representar visualmente cada sinal são coloridas e encantadoras. Observa-se a presença de sinônimos e exemplos de usos para ajudar na compreensão de cada sinal. O livro *Gallaudet Children's Dictionary* destaca-se como uma valiosa ferramenta de aprendizado para crianças, sendo especialmente direcionado ao público infantil, tanto surdo como ouvinte, que deseja aprender a ler utilizando a língua de sinais americana.

O segundo dicionário analisado foi o *Auslan Childrens Picture Dictionary Set*, da Austrália. A obra completa compreende 3 volumes, conforme é possível constatar na Figura 7 a seguir:

Figura 7: Auslan Childrens Picture Dictionary Set:

Volume 1, 2 and 3



Fonte: acesso online:

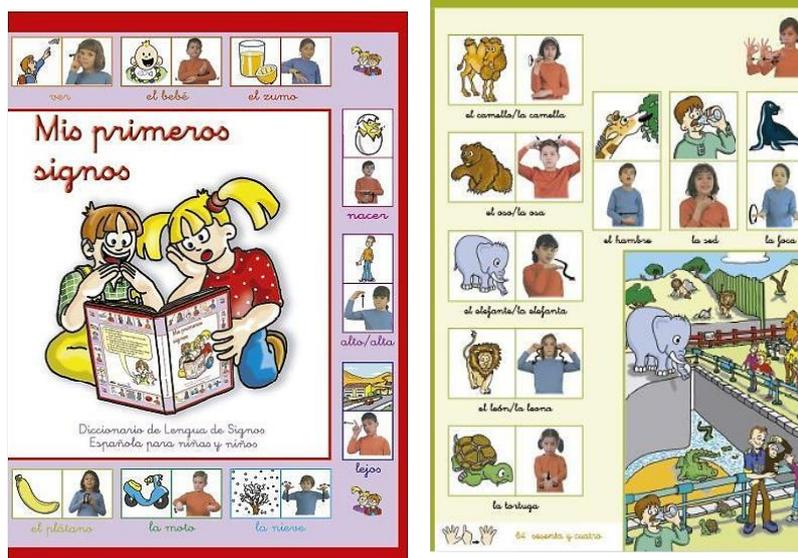
https://cdn.shopify.com/s/files/1/0668/9508/5890/products/ACPDv1to3_500x.jpg?v=1668400394

O segundo volume do *Children's Picture Dictionary* inclui mais de 615 sinais, representados por ilustrações, e apresenta as descrições sobre como executar os sinais, o uso de expressões faciais e dicas para ajudar a se lembrar dos sinais. Além do mais, o dicionário apresenta marcas de uso, com pequenos mapas indicando as regiões onde aquele determinado sinal é utilizado e fotografias que correspondem ao significado da palavra de entrada e ao sinal equivalente, com o propósito de facilitar a compreensão visual.

Contudo, o dicionário possui um grande número de informações no interior dos verbetes, o que pode ser negativo considerando a experiência de uso de uma criança enquanto consulente, tornando-se confusa a assimilação, leitura e compreensão. Embora o dicionário tenha sido elaborado para crianças, conforme aponta o título da obra, não foi possível ter acesso a qual faixa etária ela se destina.

Por último, analisamos o dicionário "*Mis primeros signos*", também em espanhol:

Figura 8: *Mis primeros signos*



Fonte: acesso online: <https://tienda.fundacioncse.org/producto/mis-primeros-signos/>

Trata-se de um dicionário infantil bilíngue em Língua de Sinais Espanhola - LSE, que utiliza figuras e sinais para ensinar o vocabulário da língua do país na modalidade escrita, permitindo que tanto as crianças surdas quanto as ouvintes aprendam e descubram o significado das palavras e saibam como escrevê-las. Diante dessas características pode-se arriscar em dizer que esse é um dicionário de produção.

O dicionário apresenta 500 entradas, compreendendo figuras e sinais, organizadas por temas, com definições simples e exemplos. Além disso, acompanha um software que permite escanear os códigos de QR para visualizá-los em Língua de Sinais. É importante salientar que até o presente momento, esse foi o único dicionário produzido que trouxe os sinais sendo fotografados e sinalizados por crianças reais. Esta é uma observação relevante, haja vista que é comum o uso de ilustrações de bonecos/avatars/pessoas nas obras impressas de língua de sinais, mas sempre de adultos. Todavia, ao se tratar de um dicionário voltado para o público infantil, por uma questão de representatividade e identificação, essa é uma abordagem e uma metodologia diferenciada e pertinente. Embora essa informação não tenha sido explicitada no material, acredita-se que o ideal seria registrar imagens de crianças surdas.

Feitas as devidas considerações acerca das obras analisadas, buscamos investigar suas correspondências com os itens 1, 2 e 3, avaliados nas obras em língua portuguesa, conforme o quadro 2 a seguir.

Quadro 2: Resultados da análise dos dicionários de língua de sinais

Dicionários de línguas de sinais	Representatividade e adequação		Adequação da estrutura e da apresentação gráfica do verbete ou campo semântico			
	Léxico	Faixa etária	Entrada	Enunciado	Qualidade das definições	Qualidade das imagens
<i>The Gallaudet Children's Dictionary of American Sign Language</i>	+	+	+	+	-	+/-
<i>Auslan Childrens Picture Dictionary Set: Volume 1, 2 and 3</i>	+	+	+	-	-	-
<i>Mis primeros signos</i>	+	+	+	-	-	+

Fonte: Elaborado pelos autores

Com base nos itens analisados, o Quadro 2 nos chama atenção para pontos importantes, que só foram possíveis de serem notados devido à análise comparativa dos dicionários selecionados. Esse tipo de análise nos permite identificar possíveis padrões, tendências, e ter *insights* para propor melhorias, sobretudo, quanto à adequação da estrutura e da apresentação gráfica do verbete ou do campo semântico em questão.

Ao comparar a microestrutura dos dicionários de línguas de sinais selecionados, percebemos que em todos o léxico é representativo e está adequado à faixa etária do público a qual eles foram destinados, ou seja, o público infantil.

No entanto, no quesito “Adequação da estrutura e da apresentação gráfica do verbete ou do campo semântico”, identificamos disparidades entre os dicionários para os campos: enunciado, qualidade das definições e qualidade das imagens.

Ao que se refere ao enunciado, o *Auslan Childrens Picture Dictionary Set: Volume 1, 2 and 3* pontuou negativamente, pois se trata de um dicionário para criança (não especifica se é voltado para crianças surdas ou ouvintes), e o enunciado, isto é, as informações referentes à entrada contidas no interior dos verbetes pouco ou nada auxiliam o consulente mirim, especialmente, se surdo, uma vez que a única informação na sua língua é o sinal equivalente à entrada em inglês. Além do mais, a microestrutura é composta por vários itens, que a depender da perspectiva, podem ser vistos como algo negativo, considerando a experiência de uso de uma criança enquanto consulente.

Em um dicionário de língua de sinais idealizado para o público infantil surdo seria interessante que as informações relacionadas à entrada contidas no interior dos verbetes fossem sinalizadas. O que se verifica na maioria das vezes é que o único momento em que a língua de sinais se apresenta é para ilustrar o sinal correspondente à entrada. Quando o público estimado é ouvinte e aprendiz da língua de sinais, o dicionário desempenha outra função, sendo útil para auxiliar na comunicação com as pessoas surdas, fornecendo traduções e descrições dos sinais utilizados na Libras

Dando continuidade à análise do item enunciado, a microestrutura apresentada no dicionário “*Mis primeros signos*” é composta basicamente por uma ilustração, um sinal e o seu correspondente em espanhol. De acordo com a análise realizada, a escolha da fonte e o tamanho das letras utilizados para representar graficamente os itens lexicais em espanhol podem dificultar a leitura e a decodificação pelas crianças. A letra cursiva, considerando crianças com faixa etária entre 6 e 7 anos que estão ingressando ainda na escola, talvez não seja a melhor opção, uma vez que a escrita em letra de forma para esse público é mais acessível.

Das três obras analisadas, no quesito qualidade das definições, todas foram avaliadas com índice negativo. O *The Gallaudet Children’s Dictionary of American Sign Language*, por exemplo, não apresentou uma definição para

a entrada “work”, embora tenham sido contemplados outros itens, como sinônimos e uma frase exemplificando a aplicação da palavra em um contexto. O *Auslan Childrens Picture Dictionary Set*, ainda que tenha uma microestrutura robusta, também não dispõe de uma definição, não foi possível, portanto, qualificar esse item. O que se tem a título de informação é a descrição de como o sinal é produzido. Por fim, o *Mis primeros signos* apresenta uma microestrutura mais simples e, igualmente, não possui definição.

Ao que se refere à qualidade das imagens, como já mencionado anteriormente, elas são extremamente importantes em uma obra lexicográfica dedicada ao registro de uma língua sinalizada e/ou voltada para aprendizes dessa língua. Por imagem, neste caso, lê-se também o registro do sinal, ou seja, da palavra sinalizada. A visualidade é um aspecto importante para os surdos, sobretudo, porque compõem sua cultura e seu modo de viver e ser, já que apreendem o mundo predominantemente pelo canal visual.

Por sua vez, ao avaliar o *The Gallaudet Children’s Dictionary of American Sign Language* identificamos pontos positivos e negativos sobre a qualidade das imagens. Positivo quanto à ilustração do significado da entrada “work”. O desenho apresenta qualidade em relação aos traços, cores e tamanho. Já o sinal registrado em ASL (American Sign Language) em preto e branco poderia lançar mão de mais recursos gráficos para ficar mais evidente e atrativo para o público estimado. O *Auslan Childrens Picture Dictionary Set* também não foi bem avaliado nesse item da qualidade das imagens, haja vista o tamanho e a apresentação das ilustrações e das figuras, que a depender da idade da criança pode tornar a leitura e compreensão prejudicada.

Os estudos no campo da Lexicografia das Línguas de Sinais se fazem cada vez mais necessários e urgentes para observarmos atentamente o repertório já produzido e, a partir disso, refletirmos sobre o que temos e o que precisamos almejar no sentido de dicionários de língua de sinais que possibilitem uma experiência de uso agradável aos seus usuários, além de um aprendizado lexical proporcionado por meio de enunciados disponibilizados no interior dos verbetes desses dicionários.

7. Protótipo de microestrutura para um dicionário Tipo 1 em Libras

A proposta de se elaborar um dicionário com o perfil das obras analisadas em língua de sinais de outros países e adequado aos critérios exigidos no último edital de convocação de edição de dicionários pelo PNLD pode ser interessante para ampliar o repertório lexicográfico da Libras.

Para isso, é relevante pensarmos em um dicionário cuja organização e sistema de busca dos itens lexicais seja favorável às especificidades da(s) língua(s) envolvida(s). O mesmo deve ainda possuir imagens ou ilustrações em um tamanho que seja visível e confortável, claras e ao mesmo tempo atraentes para o público estimado, preferencialmente coloridas e com traços bem definidos, de modo que sua qualidade não seja prejudicial para a consulta.

Da mesma forma, o dicionário deve incorporar itens lexicais pertencentes e condizentes com a rotina escolar e familiar de crianças com faixa etária entre 6 e 7 anos, idade com que elas ingressam no primeiro ano do Ensino Fundamental I. As entradas precisam estar em destaque no corpo do verbete, preferencialmente com uma cor distinta das demais informações contidas no enunciado, uma vez que auxiliaria na compreensão das crianças, contribuindo para a facilidade de leitura de forma direta e acessível.

A proposta surge da necessidade de disponibilizar um material acessível para a comunidade surda e de contribuir para a valorização e reconhecimento da língua de sinais como uma língua natural.

Atualmente, não existe um dicionário de língua de sinais do Tipo 1 para a Libras. No entanto, existem esforços em andamento para desenvolver um dicionário desse tipo, baseado em obras de outros países e adaptado para a realidade da comunidade surda brasileira.

A elaboração de um dicionário de Libras do Tipo 1 seria uma ferramenta importante para o ensino e aprendizado da língua de sinais, além de contribuir para a valorização e difusão da cultura e identidade surda no Brasil. No entanto, deve-se considerar que as crianças surdas quando iniciam sua

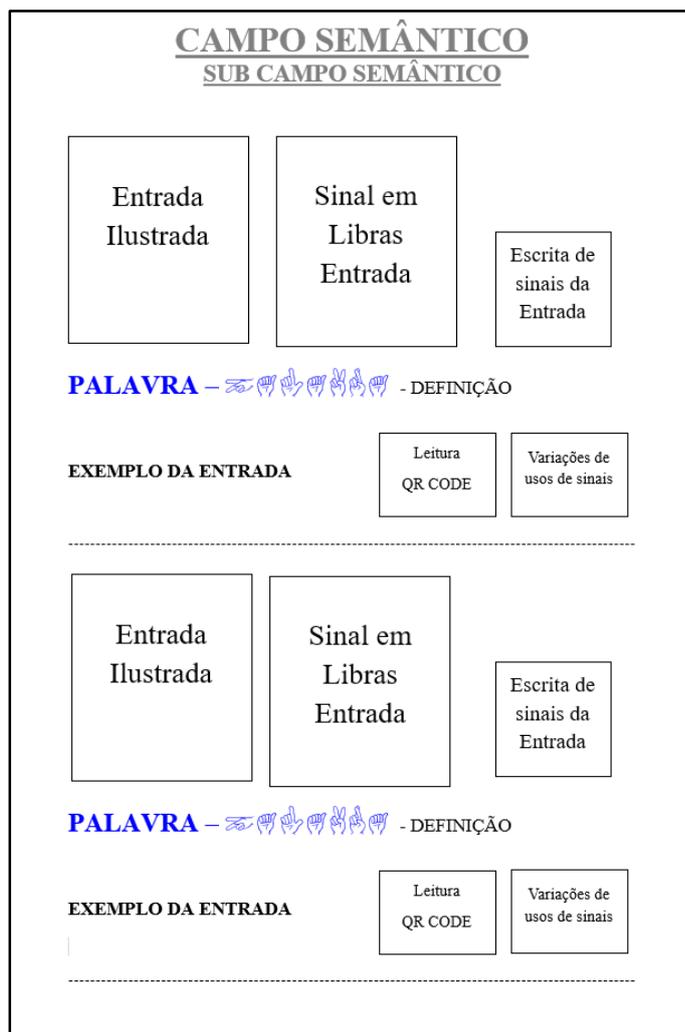
trajetória escolar, chegam com demandas de aprendizagem e defasagem no desenvolvimento não apenas da Libras, mas também do português, no sentido de saber nomear e reconhecer os nomes atribuídos às coisas do mundo.

Nesse sentido, o Dicionário em Libras - Tipo 1 deve abarcar o léxico da Libras e ser destinado a facilitar a compreensão e a comunicação das crianças surdas, oferecendo a elas uma referência visual e interativa para o aprendizado e uso da língua. Seria ideal que o dicionário tivesse uma classificação bilíngue, contemplando o par linguístico Libras-português.

Um Dicionário no contexto apresentado é uma ferramenta educativa projetada especificamente para crianças, com o objetivo de ajudá-las a compreender e explorar o significado das palavras de maneira divertida e envolvente. Esse tipo de dicionário combina os sinais e as ilustrações coloridas, criando um recurso acessível e estimulante para o desenvolvimento do vocabulário infantil.

Dito isso, apresentamos na Figura 09 uma proposta de verbete que reúne, na medida do possível, características das obras analisadas nas duas línguas conforme segue.

Figura 09: proposta de verbete do dicionário de Libras Tipo 1



Fonte: elaborado pelos autores

Na proposta apresentada, tentamos extrair as principais características das obras analisadas, levando em consideração especialmente o contexto de uso do dicionário (escolar), o público-alvo (crianças surdas do 1º ano do Ensino Fundamental), os fatores (i) linguísticos (crianças em fase de aquisição da Libras e aprendizagem do português na modalidade escrita), (ii) pedagógicos, (iii) geográficos (no caso de variação lexical) e (iv) tecnológicos (uso do QR Code e da fonte em língua de sinais, que nos possibilita escrever a palavra desejada fazendo uso das letras manuais do alfabeto da Libras).

O dicionário que estamos propondo é um dicionário visual, organizado de maneira onomasiológica, isto é, parte do sentido e do significado para a forma (Souza, 2020).

Com base nos estudos de Correia (2009), o dicionário visual se comporta de forma onomasiológica, e é basicamente construído a partir de imagens que

representam objetos complexos, referindo-se a conceitos concretos ou abstratos, devidamente nomeados ou com indicação do seu respectivo campo semântico-conceitual e seus constituintes. A autora salienta ainda que esse tipo de obra é de “extraordinária utilidade no ensino da língua nos anos iniciais da escolaridade, ou nos níveis de iniciação de aprendizagem de línguas segundas ou estrangeiras” (CORREIA, 2009: 46).

Um dicionário dessa natureza pode ser potencialmente pedagógico se bem elaborado. Pensando na sua macroestrutura, vale a pena investir na organização do léxico por campos semânticos e dividi-los em subcategorias. A exemplo disso, tem-se o campo semântico “casa”, que pode ser explorado a partir das categorias secundárias, tais como: lugares da casa (quarto, banheiro, cozinha...), objetos da casa (organizados de acordo com os lugares da casa - garfo, faca, colher, copo, geladeira, fogão...), o que se faz em casa, por exemplo, para se explorar os verbos: comer, cozinhar, assar, fritar, lavar a louça, desligar da tomada e assim por diante.

A microestrutura projetada inclui uma entrada ilustrada (imagem), o sinal e a escrita de sinais correspondentes à entrada; na sequência, tem-se a palavra escrita em português, seguida da datilologia (soletração manual), da definição (em linguagem adequada ao público), exemplo de uso da unidade lexical em questão e um campo destinado à leitura do *QR Code* para acessar os vídeos relacionados à definição, exemplo e variações lexicais em Libras.

É fundamental utilizar imagens e informações visuais nesse tipo de dicionário, pois é por meio do canal visual que os surdos habitualmente compreendem, apreendem e experienciam o mundo. Sendo assim, a compreensão das imagens no dicionário é um suporte importante, uma vez que a cultura surda tem essa abordagem visual.

A escrita de sinais ou *SignWriting*¹ (assim também conhecido), por sua vez, apresenta uma estrutura gramatical para escrever todos os parâmetros envolvidos na produção do sinal.

¹ Sistema de escrita para línguas de sinais que faz uso de símbolos para representar graficamente línguas dessa natureza, a partir de um esquema que “funciona como um sistema de escrita alfabético, em que as unidades gráficas fundamentais representam unidades gestuais fundamentais, suas propriedades e relações” (STUMPF, 2005: 51).

8. Considerações Finais

Este trabalho teve como objetivo inicial apresentar um protótipo de microestrutura para um dicionário de uso escolar que esteja de acordo com a realidade, especificidade e necessidade linguística dos estudantes surdos do primeiro ano do Ensino Fundamental da Educação Básica.

Para isso, analisamos as características dos dicionários de tipo 1 selecionados pelo Edital do PNLD/2012 - Dicionários, e em seguida, tomamos como referência três dicionários de três línguas de sinais de nacionalidades distintas, que foram analisados e serviram de base para a organização do protótipo. A análise foi baseada nos critérios norteadores para a avaliação de dicionários do Edital do PNLD.

Na proposta apresentada, tentamos extrair as principais características das obras analisadas, levando em consideração especialmente o contexto de uso do dicionário, o público alvo, os fatores linguísticos, pedagógicos, geográficos e tecnológicos.

O dicionário proposto é um dicionário onomasiológico visual, que parte do significado para a forma. Ele apresenta em sua microestrutura uma entrada ilustrada, o sinal, a escrita de sinais, a palavra escrita em português, a datilografia da palavra, a definição, um exemplo e variações lexicais, sendo estes três últimos disponibilizados também em vídeo sinalizado em Libras via *QR Code*.

Os dicionários desempenham um papel importante na preservação e valorização da cultura e identidade surda. Logo, é de suma importância que eles estejam e sejam utilizados no ambiente escolar, sobretudo em sala de aula, para promover uma educação bilíngue para os estudantes surdos. É igualmente importante que haja a participação de pessoas surdas na organização de dicionários de Libras, uma vez que elas podem, considerando suas vivências e experiências enquanto usuários da língua, tornar esses materiais mais produtivos e representativos.

A combinação da criação de dicionários em Libras pela comunidade surda com sua implementação nas escolas para surdos oferece uma abordagem

abrangente e colaborativa para o desenvolvimento educacional e linguístico dos alunos surdos.

Referências

- BRASIL, Lei nº 10.436 de 24 de abril de 2002. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/Decreto/D5626.htm#art1. Acesso em: 24.02.2023.
- BRASIL, Ministério da Educação. Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD). Brasília: Ministério da Educação, acesso 13/06/2023. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/busca-geral/318-programas-e-aco-es-1921564125/pnld-439702797/12391-pnld>
- CAPPELLINI, M. T. ET AL. Escola e família: uma relação de corresponsabilidade na educação bilíngue para surdos. *InterLetras*, vol. 11, n. 36, Grande Dourados (UNIGRAN-InterLetras), nov/dez/jan/fev/mar/abr/mai 2022-2023: 1-15. Disponível em: <https://www.unigran.br/dourados/interletras/conteudo/artigos/12.pdf?v=36>. Acesso em: 16 jun. 2023.
- CARVALHO, O. L. de S.; MARINHO, M. L. Contribuições da lexicografia ao contexto educacional bilíngue de surdos. In: SALLES, H. M. M. L. (org.) *Bilinguismo dos surdos: questões linguísticas e educacionais*, cap.5, GO: Cânone, 2007: 119-142, ISBN: 85-87635-53-0.
- CORREIA, M. Os dicionários portugueses. Alfragide: Editorial Caminho, 2009.
- KRIEGER, M. da G. Dicionário de língua: um instrumento didático pouco explorado. In: TOLDO, Claudia Stumpf (Org.). *Questões de Linguística*. Passo Fundo: UPF Editora, 2003: 70-87.
- _____. Políticas públicas e dicionários para escola: o Programa Nacional do Livro Didático e seu impacto sobre a lexicografia didática. *Cadernos de Tradução*, v.2, n.18: 235-252, 2006.
- _____. (2012). Dicionários escolares e ensino de língua materna. *Estudos Linguísticos* (São Paulo. 1978), 41(1), 169-180. Recuperado de <https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/view/1224>
- LEFFA, V. J. Aspectos externos e internos da aquisição lexical. In: LEFFA, Vilson J. (Org.). *As palavras e sua companhia; o léxico na aprendizagem*. Pelotas, 2000, v. 1: 15-44
- PERLIN, Gladis; STROBEL, Karin. *Fundamentos da educação de surdos*. Florianópolis, 2006.
- PNLD - 2012. *Dicionários com direito à palavra: dicionários em sala de aula*. Ministério da Educação Secretaria de Educação Básica. Brasília. 2012

- RANGEL, Egon de O. "Dicionários escolares e políticas públicas em Educação: a relevância da proposta lexicográfica". In: CARVALHO, O. L. de S.; BAGNO, Marcos (orgs.). Dicionários Escolares: políticas, formas e usos. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.
- QUADROS, R. M. Libras. Linguística para o ensino superior;5. São Paulo: Parábola Editorial, 2019.
- SECADI/MEC; Grupo de Trabalho, designado pelas Portarias nº 1.060/2013 e nº 91/2013 do MEC/SECADI. Relatório sobre a Política Linguística de Educação Bilíngue - Língua Brasileira de Sinais e Língua Portuguesa. Brasília, 2014.
- SOUZA, Joyce C. Dicionários bilíngues português-Libras no ensino para surdos: usos e funções. 2020. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2020.
- Souza, J. e ALMEIDA, G. Leis, políticas educacionais e dicionários: o que isso tem ajudado (ou não) a educação bilíngue de surdos no Brasil? In: FRANCISCO, G. S. A. M. LIBRAS: linguística, educação, ciência e saúde, vol. I. Curitiba: Editora CRV, 2023.
- STUMPF, M. R. Aprendizagem de escrita de língua de sinais pelo sistema SignWriting: línguas de sinais no papel e no computador. 2005. Tese (Doutorado em Informática na Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2005.
- TEIXEIRA, M. C. A designação de "Lexicografia Pedagógica". Interfaces. Vol. 6, n. 3 (dezembro): 29-35, 2015.
- ZAVAGLIA, C.; NADIN, O. L. Lexicografia Pedagógica. Domínios de Linguagem | Uberlândia | vol. 12, n. 4 | out. - dez. 2018
- ZAVAGLIA, C.; NADIN, O. L. Lexicografia Pedagógica. Domínios de Linguagem, Uberlândia, v. 12, n. 4: 1921-1933, 2019. DOI: 10.14393/DL36-v12n4a2018-1. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/view/46698>. Acesso em: 13 jun. 2023.